

MOSTRANDO ESSÊNCIAS: GUIAS TURÍSTICOS E VISITAS GUIADAS NAS ILHAS DE SANTIAGO E SÃO VICENTE (CABO VERDE)

por

Eduarda Rovisco¹

Resumo: Neste artigo são revelados os principais resultados de uma pesquisa de carácter exploratório sobre os discursos turísticos relativos às ilhas de Santiago e São Vicente (Cabo Verde). De acordo com o primeiro plano de *marketing* do turismo deste país, estes territórios deveriam ser promovidos como “ilhas de essência”. Considerando que esta promoção poderia contribuir para amplificar a estereotipia sobre os habitantes destas ilhas, regra geral atrelada a discursos bairristas que circulam no país, são aqui recenseados e analisados dois tipos de materiais. Em primeiro lugar, exponho o que foi mostrado, e os principais traços do que foi dito, em visitas guiadas realizadas nestas ilhas, que indiciam duas modalidades de construção da tropicalidade insular cabo-verdiana. Em segundo lugar, analiso narrativas sobre estas ilhas patentes em guias turísticos impressos que denotam a tendência de dissecação da criouldade e a essencialização das suas componentes em cada uma destas ilhas.

Palavras-chave: Visitas guiadas; guias turísticos; identidade nacional; Cabo Verde.

Abstract: The present paper discloses the chief results of an exploratory survey on touristic discourses on the islands of Santiago and São Vicente (Cape Verde). In accordance with the country's first tourism marketing plan, these territories should be promoted as “islands of essence”. Considering that this promotion might contribute to amplifying stereotypes regarding the islands' inhabitants, usually working in tandem with parochial discourses circulating in the country, we gather and analyse two types of materials in this paper. Firstly, I expose what we were shown during guided tours on these islands, and the chief traits of what was said, which indicate two modalities of construction of the Cape Verdean insular tropicality. Secondly, I analyse the narratives about these islands found in tourist guidebooks, which evince the tendency to dissection of the Cape Verdean Creole identity and to essentialisation of its components in each of these islands.

Keywords: Guided tours; tourist guidebooks; national identity; Cape Verde.

¹ CRIA-ISCTE. Email: eduarda.rovisco@gmail.com.

Entre 2000 e 2019, Cabo Verde registou um significativo crescimento do turismo, tendo o número de hóspedes em estabelecimentos hoteleiros passado de 145.076 para 819.308. Este crescimento não foi, todavia, similar em todas as ilhas, derivando, em grande parte, da expansão do turismo de sol e praia nas ilhas da Boa Vista e do Sal. Estas duas ilhas receberam 58% do total de hóspedes em 2000 e 74% em 2019. Por seu lado, as ilhas de Santiago e de São Vicente, que albergam as duas principais cidades do país, registaram um decréscimo em termos relativos. Se, em 2000, Santiago (com 21%) e São Vicente (com 15%) somavam 36% do total de hóspedes, dez anos depois, este valor descia para os 20%, situando-se nos 18% em 2019, ano em que as restantes cinco ilhas habitadas acolhiam apenas 8% dos hóspedes (INE, 2005, 2011, 2020). Perante estes desequilíbrios, a meio deste período, preconizou-se a diversificação de produtos e destinos através da promoção de segmentos alternativos como o turismo de natureza nas ilhas de Santo Antão, São Nicolau, Santiago, Fogo e Brava ou o turismo histórico e cultural nas ilhas de Santiago e São Vicente.

Estes propósitos estão patentes no primeiro plano de *marketing* do turismo elaborado no país (MTIE-DGT, 2010) e na primeira “logomarca” do turismo de Cabo Verde então apresentada, constituída pela imagem das dez ilhas alinhadas e pelo *slogan* “Um país, dez destinos”². Com este documento, a promoção turística do país passaria a agregar as dez ilhas do arquipélago em três grupos distintos: a) o grupo intitulado “Ilhas do Sol”, promovido como destino de sol e praia, composto pelas ilhas do Sal, Boa Vista e Maio; b) o grupo “Ilhas da Essência”, composto por Santiago e São Vicente e difundido como destino de negócios, eventos e cultura, podendo também adoptar a designação de “Ilhas do Glamour” para efeitos de promoção do turismo doméstico; c) o grupo “Ilhas dos Sentidos” que agregava as restantes cinco ilhas e possuía, como “produto âncora”, o turismo de natureza (MTIE-DGT, 2010). Embora o documento seja omissivo em relação às razões da escolha do termo “essência”, os meus interlocutores faziam-na derivar da ideia de que, nestas ilhas, se pode observar e experienciar a “essência” da cultura e/ou da identidade cabo-verdiana.

Como se sabe, a construção da cabo-verdianidade foi marcada por um processo de instrumentalização da crioulidade, que a aproximou ora da Europa, ora de África. Note-se que o projecto identitário ligado à revista *Claridade*, surgida em 1936 em São Vicente, concebia a cultura do arquipélago como um caso de regionalismo português, no qual a “herança africana” se havia diluído, encontrando-se quase circunscrita à ilha de Santiago (FERNANDES, 2002) e que o projecto identitário vinculado à luta de libertação e à

² Com o regresso do MpD ao poder em 2016, o governo da IX legislatura (2016-2021) que tinha como meta atingir um milhão de turistas até 2021, alterou este logótipo, suprimindo a ideia de diversidade. A imagem das dez ilhas foi substituída por um grande sol e o *slogan* passou a ser “Cabo Verde is something else”.

I República inverteu esta concepção, proclamando a africanidade do arquipélago. Esta aproximação a África ou à Europa inscreveu-se também no território, contrapondo-se no país, a ilha de Santiago, reiteradamente descrita como reduto de africanidade, a São Vicente, amiúde referida como a ilha mais europeia. O cotejo entre as duas ilhas, bastante mais verbalizado em São Vicente do que em Santiago, resvala com frequência para a estereotípia racista sobre a população de Santiago. Perante este quadro, considereei que a promoção destas ilhas como “Ilhas de Essência” poderia contribuir para amplificar este tipo de discursos e contraditar assim o próprio Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo (2010-2013) que recomendava corrigir a promoção do país feita pelos operadores de forma “estereotipada e redutora”, e que referia mesmo, a título de exemplo, o facto de Santiago ser promovida como “a ilha mais africana” (DGT, [s.d.]: 79). Este artigo, de carácter exploratório, partiu assim destas inquietações e resulta de um primeiro exercício de análise das narrativas turísticas sobre estas duas ilhas, colhidas em 12 visitas guiadas e em 11 guias turísticos impressos³.

I. VISITAS GUIADAS A SANTIAGO E SÃO VICENTE

Pretendendo recensar o que foi mostrado nas visitas guiadas realizadas em Santiago e São Vicente e os principais traços do que foi dito sobre o que se mostrou, esta secção deriva de dados colhidos em 12 visitas guiadas e em 17 entrevistas com guias de turismo nestas duas ilhas, bem como em registos dos seus discursos proferidos em locais como o pelourinho da Cidade Velha ou o Centro Cultural do Mindelo⁴. Antes de dar início ao exercício proposto, impõem-se duas breves notas sobre os guias de turismo (cf. COHEN, 1985; DAHLES, 2002; MARQUES, 2012) e sobre as visitas guiadas nestas ilhas. Nestes anos, os guias eram, na sua maioria, jovens não licenciados, existindo mais elementos do sexo masculino do que do feminino, sobretudo em Santiago. Na sua quase totalidade, os guias trabalhavam como *freelancers* vendo assim os seus rendimentos reduzidos na época baixa e afirmavam-se autodidactas, tendo alguns recebido um breve treino ministrado por colegas ou pelas chefias das agências de turismo. Nos últimos anos, o governo

³ Estas visitas guiadas foram realizadas no âmbito de uma investigação sobre turismo e identidade nacional em Cabo Verde (SFRH/BPD/72387//2010) em duas missões realizadas em Cabo Verde entre finais de 2011 e princípios de 2015, com uma duração total de 18 meses. Agradeço aos guias e às direcções de algumas agências, em particular da Aventura Lda., a colaboração nesta pesquisa. A análise dos guias turísticos foi elaborada no âmbito do projecto sobre artesanato e identidade nacional em Cabo Verde (DL 57/2016/CP1349/CT0005) suportado pelo quadro do financiamento estratégico do CRIA (UID/ANT/04038/2019).

⁴ Em Santiago, foram realizadas 6 visitas guiadas e 8 entrevistas. Em São Vicente, realizaram-se 6 visitas guiadas e 9 entrevistas.

promoveu a realização de um grande número de cursos de capacitação de guias, visando sobretudo aprimorar as competências de profissionais no activo e regular a profissão através da atribuição de um crachá de “Guia de Turismo”. Numa entrevista realizada em 2017 com uma técnica da Autoridade Turística Central, foi afirmado que existiam no país 600 guias credenciados, cerca de 25% dos quais nas ilhas de Santiago e São Vicente, na sua maioria resultantes de cursos de capacitação realizados em 2016. Contudo, o número de pessoas envolvidas nestas práticas era bastante superior e a actividade continuava a atrair muitos jovens.

Todos os guias entrevistados manifestaram um grande apreço pela profissão e alguns guias do Mindelo afirmaram mesmo possuir um talento inato para a actividade derivado de terem crescido nesta cidade portuária que consideram vocacionada, desde a sua origem, para receber forasteiros. Alguns afirmaram, com ironia, serem sucessores dos populares “cicerones” que conduziam a tripulação e os passageiros dos navios pela cidade, e que, de alguma forma, podem ser lidos nos termos em que Erik Cohen definiu o *pathfinder* (COHEN, 1985). Ao descreverem o seu trabalho, estes profissionais tendem a diferenciar três grandes grupos de turistas por exigirem distintos tipos de serviços. Em primeiro lugar, os grupos detentores de um pacote turístico quase sempre orientado para o turismo de montanha, agregando duas ou mais ilhas, regra geral, Santiago e Fogo ou Santo Antão e São Vicente⁵. Neste tipo de pacotes, os guias, contratados por uma agência, acompanham o grupo durante vários dias. Em segundo lugar, os turistas que viajam de forma autónoma, adquirindo uma ou duas excursões com duração de um dia ou de meio-dia, o que acontecia com maior frequência em Santiago do que em São Vicente devido à maior dimensão e insegurança na primeira ilha. Por último, os turistas de cruzeiro que adquiriam excursões com roteiros e durações aproximadas às do grupo anterior, mas com menor intervenção do cliente final no desenho do roteiro. Esta análise restringe-se a estes últimos dois tipos de excursões.

1.1. Santiago

Em Santiago, a maior ilha do arquipélago com cerca de 990 Km², as excursões mais vendidas consistiam em *tours* de meio-dia à Cidade Velha e excursões de um dia à ilha, apelidadas de *island tours*. Partindo da capital e podendo ou não incluir a Cidade Velha, estas excursões seguiam pela estrada do interior rumo ao Tarrafal, no norte da

⁵ São Vicente integra estes pacotes não pelas suas potencialidades para o montanhismo mas por possuir aeroporto e ligação marítima com Santo Antão, ilha desprovida de ligações aéreas.

ilha, regressando ao sul pela costa leste. Das seis excursões realizadas em Santiago, duas tiveram uma duração inferior a quatro horas e circunscreveram-se à Cidade Velha e quatro consistiram em excursões à ilha com duração de cerca de oito horas, nenhuma das quais incluiu a cidade da Praia no seu roteiro. Nestas quatro excursões, as primeiras paragens com duração superior a 20 minutos tiveram lugar no Museu da Tabanca, no Jardim Botânico e, em dois casos, na Cidade Velha.

Situada a 12 km da capital, a cidade de Ribeira Grande de Santiago, conhecida por Cidade Velha e inscrita em 2009 na lista do Património Mundial da UNESCO, sendo uma pequena povoação com um reduzido número de monumentos⁶, impunha aos guias a tarefa de justificar a sua centralidade nos roteiros turísticos e o motivo por que foi declarada património da humanidade. A maioria dos *tours* à Cidade Velha começava na Fortaleza de São Filipe, situada no topo da encosta esquerda do vale, descendo-se depois à povoação. Resumindo em poucos minutos mais de 500 anos de história da Ribeira Grande, anunciada como a primeira cidade construída por europeus a sul do Saara, o discurso dos guias iniciava, por vezes, com a referência às controvérsias relativas à data e autoria do seu achamento, descrevendo em seguida a sua rápida conversão num próspero burgo devido ao tráfico de escravos e o seu não menos célere declínio. Entre as razões da sua decadência, enfatizavam-se os sucessivos assaltos de piratas e corsários (CARREIRA, 2000: 321-334), em especial de Francis Drake no último quartel do século XVI e de Jacques Cassard no início do século XVIII. O papel de cada um destes corsários era ainda reforçado quando os turistas eram britânicos ou franceses, explorando-se então contornos da sua história partilhada.

Nestas narrativas, a povoação era descrita através dos termos “berço” (da cabo-verdianidade) e “laboratório” (de miscigenação e de aclimação de plantas oriundas de quatro continentes) e a sua história narrada como a “primeira experiência de miscigenação” entre europeus e africanos e de trocas entre continentes que inaugurou a globalização. Importavam-se, assim, os termos e a fórmula de assepsização da história da expansão portuguesa usada também em discursos oficiais em Cabo Verde. Porém, quando descíamos à povoação, muitos guias, afirmando-se descendentes de escravos, passavam a narrar a violência inerente a essa “experiência”, construindo assim, de alguma forma, o seu lugar de fala. Esta construção encontrava no pelourinho o seu púlpito, tornando-o o monumento mais marcante das visitas à Cidade Velha e o símbolo maior da violência sobre os africanos escravizados. Muitos guias discursavam encostados à coluna de mármore do pelourinho simulando encontrarem-se a ela acorrentados, descrevendo como os seus antepassados foram aí vendidos, açoitados e enforcados. Nestas narrativas, a cultura cabo-verdiana — representada, por vezes, pelo grupo de batucadeiras *Nos*

⁶ Sobre a Cidade Velha e os seus monumentos ver, por exemplo, SANTOS, 2009.

Herança que aí actuava para turistas de cruzeiro — era descrita como um produto da resistência africana à dominação portuguesa. Era também sob o signo da resistência que se descrevia tanto o povoamento de Santiago, fazendo-o derivar da fuga de escravos para o interior da ilha, como a origem do termo crioulo *badiu* (vadio) usado para designar os seus habitantes.

Prosseguindo rumo à cidade de Assomada, situada no centro da ilha, os *tours* a Santiago, seguiam, assim, a rota desta resistência. No decurso desta viagem, chamava-se a atenção para aspectos da paisagem, como a relação entre a orografia e o povoamento disperso pelos inacessíveis cumes das montanhas onde os escravos edificariam as suas habitações. Em todas as excursões efectuadas, foi realizada uma paragem no Miradouro da Cruz de Picos, situado a pouca distância de Assomada, onde se falou das revoltas camponesas do século XIX e início do século XX ocorridas nesta região. Em duas excursões, em que a visita à Cidade Velha foi muito breve ou não se realizou porque os turistas que me acompanhavam já a tinham visitado, deslocámo-nos a Achada Falcão em uma das excursões e a Chã de Tanque em outra. Estas povoações, situadas a poucos quilómetros de Assomada albergam, respectivamente, uma casa onde Amílcar Cabral viveu na infância e o Museu da Tabanca. No primeiro destes locais, não permanecemos mais de dez minutos no quintal da casa, ouvindo o guia discursar sobre a biografia de Amílcar Cabral. No que concerne ao segundo, deve ser notado que a tabanca foi apresentada como a maior expressão da resistência cultural ao colonialismo, por se considerar que, enquanto associação mutualista, atenuou a severidade das condições de vida impostas pelo colonialismo, e ainda por a sua componente festiva ter resistido a um conjunto de interdições impostas pelo Estado colonial⁷.

A etapa seguinte destas excursões consistia na visita ao Museu da Resistência, Ex-Campo de Concentração do Tarrafal. As informações dos guias seguiam aqui a cronologia apresentada no museu, diferenciando a fase de 1936-1954 ligada à resistência ao fascismo em Portugal e a fase de 1961-1974 relacionada com a luta anti-colonial. Não obstante esta diferenciação, o discurso dos guias unia pela primeira vez portugueses, guineenses, angolanos e cabo-verdianos como heróis de resistência, retomando os relatos sobre desumanização, tortura, trabalhos forçados e morte, iniciadas na Cidade Velha. O campo integra a lista indicativa de Cabo Verde na UNESCO, requisito para a sua inscrição na lista do Património da Humanidade⁸. A Cidade Velha e o Tarrafal, considerados os dois mais importantes lugares de memória de Santiago, situados, respectivamente, a sul e norte da ilha e remetendo para períodos opostos — o início e o fim da

⁷ A manifestação mais exuberante das festas da tabanca consiste num cortejo ao som de búzios e tambores, que reproduz a estrutura social. Em 2019, a tabanca foi classificada como Património Imaterial de Cabo Verde. Para uma crítica dos entendimentos da tabanca como forma de resistência. TRAJANO, 2006.

⁸ Cf. <<http://ipc.cv/monumentos#licvu>>.

ocupação portuguesa —, marcam também o início e o fim da excursão enquanto viagem que percorre o fio do tempo até à conquista da liberdade. Com efeito, a saída do campo de concentração, correspondia a um ponto de inflexão nos *tours* que a partir daí desaceleravam, tornando-se mais livres no regresso ao sul. Alguns minutos depois de saírem do Museu da Resistência, os turistas chegavam à praia do Tarrafal, um dos locais mais apreciados, onde almoçavam com vista para a baía verde bordejada de coqueiros.

No regresso ao sul pela costa leste, as informações tendiam a reportar-se a temas relacionados com o presente. Porém, em duas excursões, visitámos a comunidade de rabelados de Espinho Branco, descrita como uma “aldeia de arte tradicional”, voltando-se aqui ao tema da resistência. A história dos rabelados começa no início da década de 1940 com a chegada dos primeiros missionários esperitanos com novos preceitos de evangelização, celebração e conduta. Estas inovações não terão sido bem acolhidas pelos acólitos dos escassos padres da terra, vistos pelos missionários como corrompidos pela superstição. Face a estes embates, várias famílias, reunidas em torno de um líder religioso não eclesiástico, iniciavam um movimento de ruptura com a igreja. Atente-se no duplo sentido do termo *rabelado* que significa rebelado mas também revelado, remetendo, neste contexto, para aqueles que se rebelaram e a quem foi revelada, e competia revelar, a palavra divina⁹. No início da década de 1960, na sequência da recusa de algumas destas famílias em acatar medidas sanitárias, nomeadamente de erradicação da malária como a pulverização das casas com DDT, vários rabelados foram agredidos, presos e deportados pelas autoridades coloniais, amplificando assim a sua auto-exclusão. Muitos passaram a viver em funcos, não revelando os seus nomes, nem registando os filhos que deixaram de frequentar a escola.

Este isolamento começou a ceder após a independência, sobretudo a partir da década de 1990, coincidindo com o crescimento do turismo. A abertura ao exterior foi explicada pelos guias como decorrente do trabalho da artista plástica Misá com crianças e jovens de Espinho Branco, iniciando-as no desenho e na pintura, actividade a que Tchétcho, líder da comunidade desde 2006, passaria também a dedicar-se. Esta produção artística era vendida a turistas na loja RabelArte, criando a sua aquisição a ilusão de se levar para casa um *souvenir* do último reduto de resistência africana ao colonialismo e de se contribuir para o resgate dos rabelados de cerca de meio século de isolamento. No presente etnográfico, muitos rabelados recorriam a serviços de transporte, electricidade, saúde e educação e vários viviam em casas de betão. No entanto, os turistas visitavam apenas um conjunto de funcos em palha com vários traços de “aldeia indígenas” construídas nas exposições coloniais em finais do século XIX e inícios do século XX. Por terem vivido isolados e terem recusado a modernidade imposta pelo estado colonial, os rabelados eram apresentados como o repositório do património cultural e religioso e

⁹ Sobre os rabelados ver, por exemplo, GONÇALVES, 2009.

do modo de vida assente no *djunta mon* (entre ajuda) dos africanos escravizados. A sua inclusão nos roteiros turísticos revela bem como o turismo em Santiago se tem apropriado tanto de uma ideia de passado definida pela resistência africana ao domínio colonial, como de uma ideia de futuro assente na mercadorização desse passado.

No regresso à capital, em todas as excursões foram realizadas paragens para fotografar os campos de bananeiras de Santa Cruz, continuando-se assim a monumentalização da paisagem tropical e agrícola da ilha. Este local integrava já os roteiros turísticos elaborados pelas autoridades coloniais em finais da década de 1960 numa tentativa de promover a ilha como destino tropical (ROVISCO, 2019). Contudo, opondo-se a essa tropicalidade, construída sob o signo do luso-tropicalismo no fim do Estado Novo, a tropicalidade promovida no presente etnográfico possuía, como foi visto, um sinal contrário, podendo ser definida como uma tropicalidade resistente. Com efeito, ela exhibe alguns elementos do que Daniel Clayton (2013) definiu como “tropicalidade militante” num ensaio sobre a construção dos trópicos como espaço físico e conceptual de luta anti-colonial e anti-imperialista entre a década de 1940 e 1970, ou seja, entre a publicação, em 1941, do primeiro número da revista *Tropiques* (Martinica, 1941-1945) fundada, entre outros, por Aimé Césaire, até ao fim da guerra do Vietname, passando pela revolução cubana e pela guerra colonial na Guiné-Bissau, o mesmo é dizer, pela luta do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

Ainda que Clayton não refira o turismo, sabemos como a posterior promoção turística destes territórios — sendo o caso de Cuba talvez o mais paradigmático — se apropriou de muitas imagens desta “tropicalidade militante” que se entende patente na cultura e na natureza. Em Santiago, esta ideia de natureza resistente pode ser encontrada em narrativas sobre o coberto vegetal — com as acácias, pela sua capacidade de sobrevivência à seca, transformadas em símbolos da resistência do povo cabo-verdiano —, ou sobre a orografia da ilha, com as montanhas constituídas, como as da Sierra Maestra, em refúgio de resistentes, neste caso, de escravos ou rabelados. É pois à luz deste campo de representações sobre uma tropicalidade resistente, integrante do modelo africanista de construção nacional desenhado no arquipélago na fase da luta de libertação e na I República, que devemos entender as narrativas dos guias locais colhidas em Santiago neste período.

1.2. São Vicente

A pequena dimensão da ilha de São Vicente (227 km²), a sua aridez e o facto de a sua população estar concentrada no Mindelo, tornam esta cidade o principal palco

de actuação dos guias. Das seis excursões realizadas em São Vicente, quatro cingiram-se ao Mindelo e as restantes duas, embora se intitulassem *island tours*, apenas contemplaram um passeio por uma parte da costa nordeste da ilha, realizado após uma visita à cidade. Nenhuma das seis excursões excedeu as três horas. As visitas guiadas à cidade foram idênticas, circunscritas ao centro histórico, com um itinerário limitado a norte pela Praça Nova e a sul pela Praça Estrela, passível de ser percorrido a pé em menos de 20 minutos. Em quatro visitas, a primeira paragem teve lugar em frente ao edifício da antiga alfândega, onde se discursou sobre a história da ilha entre finais da década de 1830 e o final do século XIX, *i.e.*, desde o estabelecimento, pelos britânicos, do primeiro depósito de carvão para abastecimento da navegação transatlântica a vapor até ao início da decadência do Porto Grande. A génese do Mindelo foi atribuída à acção conjunta de britânicos e do governo liberal português, tendo-se, em algumas visitas, mencionado Sá da Bandeira tanto pelo seu papel na construção do Mindelo como na abolição do tráfico de escravos. A maioria dos guias afirmou não ter havido escravatura em São Vicente, apresentada como a primeira ilha do arquipélago a aboli-la em 1857¹⁰, e ainda que o povoamento desta ilha foi feito não com africanos escravizados, mas com crioulos oriundos de outras ilhas que se terão aí miscigenado com europeus que chegavam ao porto. Dentro deste edifício, que, no presente, acomoda o Centro Cultural do Mindelo (CCM), introduziu-se o tema da produção artística e literária mindelense, elaborando-se assim uma síntese da história do Mindelo que, de importante porto atlântico, terá passado a “capital cultural de Cabo Verde”.

O percurso do CCM até à Praça Estrela pela Rua da Praia constituiu o ponto alto dos *tours*, tanto pelo colorido das casas voltadas para a baía, como pela azáfama do comércio ambulante que se intensifica na proximidade do mercado de peixe. Muitos turistas fotografaram vendedores ambulantes enquanto os guias discursavam sobre depósitos de carvão ingleses, *ship chandlers* e sobre o simulacro da Torre de Belém, cuja construção foi descrita como uma forma de afirmação de soberania portuguesa decorrente da necessidade de as autoridades coloniais portuguesas mostrarem que, a despeito do poder dos britânicos, a cidade ainda lhe pertencia. Na Praça Estrela, apelidada pelos guias de *african market*, indica-se que este espaço, outrora usado por ingleses como campo de futebol e cricket, foi construído em 1940 e remodelado cerca de 60 anos depois, ordenando o comércio informal praticado por imigrantes oriundos de países da costa ocidental africana. Por este motivo, a praça é por vezes apresentada como uma vitória da ordem mindelense sobre a desordem africana e nela têm lugar algumas das raras referências a África proferidas nestes *tours*.

¹⁰ De acordo com John Rendall, em 1851, existiriam 100 escravos nesta ilha (RENDALL, 2004 [1851]: 99). Em 1856, ano do Recenseamento Nominal de Escravos, terão sido contados 5182 escravos no arquipélago, 32 dos quais em São Vicente (CARREIRA, 2000 [1972]: 387).

No trajecto entre a Praça Estrela e a Praça Nova foram realizadas paragens na pracinha da igreja e na Rua de Lisboa, a principal artéria da cidade. No primeiro destes locais, os guias discursaram sobre confissões e liberdade religiosa, democracia, eleições, igualdade de género e simbologia da bandeira nacional que se encontra hasteada no edifício da Câmara Municipal. No segundo, os discursos dirigiram-se para a boémia mindelense, para a morna e Cesária Évora e ainda para o carnaval, apresentando-se a rua como o sambódromo do Mindelo. Em quatro *tours*, os turistas entraram no Mercado Municipal, onde se falou sobre espécies agrícolas e gastronomia cabo-verdiana. Depois de se percorrer a Rua do Telégrafo ou Rua dos Ingleses, assinalando-se os traços arquitectónicos britânicos, chegava-se por fim à Praça Nova¹¹. Nesta praça, amiúde de frente para os bustos de Luís de Camões ou de Sá da Bandeira, retomavam-se os discursos sobre a alegada inexistência da escravatura e sobre a importância das artes nesta ilha, exemplificada pelos edifícios do cinema Éden-Park e do Centro Nacional de Artesanato e Design, onde funcionou o primeiro liceu laico do país (1917).

Apesar de realizados por agências diferentes (Tui e Aventura) os dois *island tours* percorreram, depois da visita ao Mindelo, a mesma rota circunscrita à parte leste da ilha. Apenas foram efectuadas três breves paragens para fotografias nas hortas da Ribeira de Calhau, na Praia Grande e no Monte Verde, onde se situa o ponto mais alto da ilha. Com excepção das hortas onde avistámos algumas pessoas e onde os guias falaram sobre temas relacionados com o que víamos, os dois *island tours* percorreram uma paisagem deserta e o discurso dos guias, proferido dentro de um autocarro em movimento, raras vezes possuiu qualquer relação com a paisagem, incidindo em temas tão diversos como o sistema de ensino, a emigração, a língua ou a música.

A cidade de Mindelo constituiu assim a principal atracção da ilha. Independentemente da nacionalidade dos turistas, os discursos sobre a cidade enfatizaram a influência britânica na arquitectura, na língua — referindo-se os anglicismos do crioulo da ilha como *ba strait* (vai em frente) ou *arióp* (despacha-te) — e na forma de estar da população, quase sempre exemplificada através dos supostos hábitos de consumo de chá ou gin tónico e da prática de desportos como golfe, ténis, ou críquete. O Mindelo é também narrado como a mais aberta, cosmopolita e boémia das cidades cabo-verdianas e como a “capital cultural” do país, características que se fazem derivar, respectivamente, da presença do Porto Grande e de um hipotético maior número de artistas, em especial músicos e artistas plásticos. No que respeita aos mindelenses, estes foram descritos como um povo livre, des preocupado, boémio, acolhedor, culto, civilizado e com vocação para as

¹¹ Os nomes da Praça Nova, Praça Estrela e Rua de Lisboa foram, depois da independência, substituídos, respectivamente, por Praça Amílcar Cabral, Praça da Independência, Rua Libertadores d’África. A maioria dos mindelenses continuou a usar os antigos nomes.

artes. Neste sentido, estamos muito longe dos entendimentos da cultura como expressão de resistência africana ouvidas em Santiago. Não que a história do Mindelo tenha sido destituída de formas de resistência, mas estas não foram mencionadas. Ainda que o cotejo entre as duas ilhas não tenha sido explicitado, o discurso dos guias desvela o processo de construção da cultura sanvicentina como o avesso da de Santiago, fazendo do Mindelo o contrário da capital e, em especial, da Cidade Velha. Com efeito, Cidade Velha e Mindelo são apresentadas como os lugares onde foram iniciados e encerrados o povoamento e a experiência da escravatura no arquipélago.

II. SANTIAGO E SÃO VICENTE NOS GUIAS TURÍSTICOS IMPRESSOS

Prescrevendo o que deve ser visto (KOSHAR, 1998), ingerido, vestido ou comprado, ou como agir perante o outro visitado, os guias turísticos modernos têm sido entendidos como componentes basilares na construção de destinos e práticas turísticas. A sua génese é comumente situada nas décadas de 1830 e 1840 e atribuída à publicação dos primeiros guias por J. Murray, K. Baedeker e A. Joanne que constituíram o ponto de partida para as três coleções homónimas (KOSHAR, 1998; PALMOWSKI, 2002; MORLIER, 2011). Ainda que a maioria dos guias do século XIX incidisse em destinos europeus, cedo foram editados volumes sobre o norte de África e o oriente, redigidos em sintonia com a pauta imperial e orientalista europeia. Na década de 1840, Murray publicava a primeira edição do *Handbook for Travellers in Egypt* de Gardner Wilkinson e L. Maison lançava o *Guide du Voyageur en Algérie* (BERTHOUNNET, 2006: 2; MANAI, 2020: 65).

É neste período, marcado pela hegemonia imperial britânica, que devemos inserir o pequeno guia sobre Cabo Verde publicado em Londres no ano da Grande Exposição (1851) e descrito, no prefácio à edição de 2004, como o primeiro guia relativo a um destino africano (MASSA E MASSA, 2004: 27, 28, 32, 38). Escrito por John Rendall, cônsul inglês em Cabo Verde, este guia espelha os interesses britânicos relativos à conversão da ilha de São Vicente num entreposto de abastecimento de carvão. O autor defende a transferência da “capital” do arquipélago para esta ilha (RENDALL, 2004 [1851]: 51, 53) elogiando-a e fazendo-a contrastar com Santiago, cujas condições sanitárias e clima considerou “péssimos”, aconselhando os estrangeiros que a quisessem visitar “a não dormirem em caso algum em terra” (*id. ibid.*: 85, 87). Possuindo apenas 30 páginas, contém informações sintéticas sobre localização geográfica, clima e condições sanitárias, número de habitantes, arquitectura e ancoradouros, estradas, água e produtos da terra de cada uma das ilhas.

Não cabendo no âmbito deste artigo proceder a uma história deste género editorial, importa anotar dois momentos charneira na sua evolução mais recente. Em primeiro lugar, a sua expansão a partir dos anos de 1960, em particular do subsector vocacionado para o turismo jovem dito independente e de orçamento reduzido (MILNE, 2013: 73-74). Em segundo lugar, a sua adaptação ao formato de aplicativos para *smartphones* e *tablets* como resposta à crise do sector derivada da expansão do uso da internet nas últimas duas décadas. Apesar das várias vantagens deste novo formato, de entre as quais destaco a interactividade e a actualização contínua, em Cabo Verde, continuou a ser comum ver turistas com guias impressos, o que pode ficar a dever-se ao receio de assaltos e de limitações no acesso à internet e explica a multiplicação de guias impressos sobre este destino editados na última década.

A partir dos anos de 1990, os guias turísticos tornaram-se fonte e objecto de estudo de inúmeras pesquisas nas áreas do turismo, património, cidades, identidades, (Cohen e Toulhier 2011, Van Gorp 2012, Fernandes, Santos e Rejowski 2017). Alguns autores têm assinalado os paralelismos entre os guias impressos e os guias intérpretes locais, ambos inteligidos como mediadores entre turistas e destinos (cf. Bhattacharyya 1997, Young 2006). Nesta secção, que constitui uma primeira aproximação ao estudo dos guias turísticos sobre Cabo Verde, são recenseados os principais traços das narrativas sobre Santiago e São Vicente de modo a cotejá-las com as proferidas pelos guias intérpretes locais. Note-se que a maioria dos guias locais entrevistados afirmaram ter lido pelo menos uma destas publicações e, em alguns casos, conhecido os autores por estes terem requisitado e, por vezes recomendado, os seus serviços.

São aqui analisados onze guias impressos publicados entre 2009 e 2021. Quatro destes guias são destinados ao mercado francófono e pertencem às colecções Petit Futé (2017), Olizane (REQUEDAZ E DELUCCHI, 2017), Geoguide/Gallimard (MBOG E BERTRAND, 2019) e Guide Vert/Michelin (2021)¹². Outros quatro estão em língua inglesa e pertencem às colecções Bradt (IRWIN E WILSON, 2009 [1998]), Thomas Cook (DOBSON, 2010), Marco Polo (2018) e Insight Guides (2018). Este último foi também publicado pela Berlitz e consiste, tal como o Michelin e o Petit Futé, num guia de bolso. A par destes oito guias, na sua maioria adquiridos no final de 2020, espelhando a oferta do mercado *on-line* de guias impressos em língua inglesa e francesa neste período, juntam-se os únicos três guias editados em Portugal e Cabo Verde existentes no mercado. Tratam-se do guia editado em Portugal pela Lua de Papel (SARMENTO E RAMOS, 2016 [2012]), do guia editado em várias línguas pela Directel (Cabo Verde) com o propósito de ser distribuído gratuitamente, apesar de ser possível encontrá-lo à venda em alguns

¹² Cito o nome dos autores apenas nos casos em que a autoria é explicitada na capa ou na folha de rosto.

postos de informação turística do país, e ainda, do volume sobre São Vicente da *Diaries of* (VALENTE E VALENTE, 2018) vendido nos mesmos estabelecimentos.

Este exercício restringe-se aos capítulos sobre as ilhas de Santiago e de São Vicente e às secções introdutórias, em especial, as relativas à história e cultura. Atente-se no primeiro parágrafo da introdução do guia Marco Polo:

“Cape Verde is all about colour: the turquoise ocean, lush tropical valleys, beaches of black and white sand, the bright yellow of the bananas, the orange-coloured papayas, green heads of cabbage and red peppers. And then there are the people who live here: there are all shades of skin colour imaginable from lily white to coffee to dark brown with sparkling eyes in all shades of green, blue and brown — a fascinating mixture!” (2018: 13).

Para além de patentear o primado da visualidade nos discursos e práticas turística (URRY E LARSEN, 2011) e a construção de Cabo Verde como paraíso tropical onde corpos de todas as cores parecem esperar, como frutos no mercado, a chegada do turista, este trecho anuncia a principal característica destas introduções. Refiro-me à descrição do país através da ideia de diversidade — das cores, das paisagens e das culturas — que permite apresentá-lo como destino plural. Mas os elementos desta diversidade depressa são agrupados em torno de dois pólos, sendo a ideia de diversidade substituída pela de contraste, em especial entre montanha e mar, negro e branco, África e Europa. Estruturantes das narrativas sobre a história e cultura do país, estes dois últimos binómios tendem a ser territorializados no sul e norte do país com as ilhas de Santiago e São Vicente a consubstanciarem esta oposição.

2.1. Santiago

Na maioria dos guias analisados, a ilha de Santiago é proclamada a ilha mais africana de Cabo Verde (DOBSON, 2010: 76; DIRECTEL, 2015: 143, 144; SARMENTO E RAMOS, 2016: 118, 120; PETIT FUTÉ, 2017: 104, 106; REQUEDAZ E DELUCHI, 2017: 107, 114; MARCO POLO, 2018: 56; MBOG E BERTRAND, 2019: 199) e, em dois guias, os capítulos dedicados a esta ilha possuem mesmo como subtítulos “A ilha mais africana” e “L’île de contrastes, la plus grande, la plus africaine” (SARMENTO E RAMOS, 2016: 118; REQUEDAZ E DELUCHI, 2017: 107). Esta proclamada “africanidade” é descrita de forma sintética como uma herança dos africanos escravizados trazidos para o arquipélago. Veja-se o seguinte trecho extraído do Petit Futé:

“C’est l’île africaine, riche d’histoire. (...) La population de cette île présente une morphologie beaucoup plus africaine que dans le reste de l’archipel, car les esclaves gardés sur l’île de Santiago vivaient et se reproduisaient entre eux, dans les plantations comme dans les montagnes du nord-est abritant les rabelados, ceux qui s’enfuyaient. C’est ici que l’apport culturel africain a été le plus important. Il transparaît aujourd’hui dans les manifestations culturelles (...) et dans le comportement des individus, contrairement à São Vicente, par exemple, où l’influence latine plus forte a entraîné le rejet des racines africaines” (2017: 104, 106).

A cidade da Praia, capital do país, ocupa um espaço considerável nos capítulos sobre Santiago, sendo por vezes também designada como a cidade mais africana (SARMENTO E RAMOS, 2016: 128). Em alguns guias, a capital é descrita como um lugar não turístico, perigoso e onde o visitante não deverá deter-se muito tempo. O Petit Futé considera-a “[e]ssentiellement administrative, vous lui consacrez un séjour touristique assez court. Privilégiez plutôt le reste de l’île.” (2017: 108). Para os autores do Bradt: “Praia is not a tourist city and some people find it hot, unattractive and a little threatening” (IRWIN E WILSON, 2009: 146). De acordo com o Olizane:

“Praia, la métropole, n’est pas particulièrement belle, excepté le Plateau (...) Elle a grandi sans aucune harmonie, dans le désordre le plus complet, et sa banlieue traîne sur des kilomètres des immeubles jamais achevés, mais cependant habités, des chemins de terre labourés d’ornières, des quartiers insalubres...” (REQUEDAZ E DELUCCHI, 2017: 109).

Ainda que existam referências a outros bairros, regra geral, habitados pela elite praiense, os locais da cidade mais destacados como mercedores de visita restringem-se ao Plateau (centro histórico edificado sobre um plano ordenado, rectilíneo e ortogonal), à frente marítima (da praia da Gamboa à praia de Quebra Canela) e ao Mercado Sucupira. O maior dos guias consultados destaca apenas três locais, apresentados pela seguinte ordem: Plateau, Mercado Sucupira e Bairro Craveiro Lopes. O Mercado Sucupira é bastante mencionado pelos guias, amiúde como um “mercado africano” (DIRECTEL, 2015: 159; PETIT FUTÉ, 2017: 111). No guia editado em Portugal lê-se “No Sucupira sente-se que se chegou ao coração de África”, sublinhando-se a sua cor, agitação e as mulheres cabo-verdianas “de alguidares à cabeça” (SARMENTO E RAMOS, 2016: 131). Descrito como colorido, exótico, informal, ruidoso, labiríntico, agitado e perigoso, Sucupira parece resumir o que se considera ser a africanidade da capital, em grande parte coincidente com o que se entende torná-la um lugar pouco recomendável. No terreno,

os turistas são desaconselhados a entrar neste “coração de África” por se temer que possam vir a ser assaltados e a perderem-se no labirinto das suas ruas.

Voltando às três sugestões do maior guia, depois de Sucupira, os autores sugerem uma visita ao Bairro Craveiro Lopes apenas por ser “calme, clair et propre, sans rien de particulier, seulement cette tranquillité qui fait oublier l’agitation de la capitale” (REQUEDAZ E DELUCCHI, 2017: 122), ou seja, um lugar onde o turista poderá retemperar-se dos excessos de africanidade de Sucupira. Este é o único guia que destaca este bairro residencial projectado pelo Gabinete de Urbanização Colonial e construído a partir do início dos anos de 1950, tendo a sua segunda fase sido inaugurada em 1955 pelo próprio Francisco Craveiro Lopes, então presidente da República Portuguesa.

No que concerne ao resto da ilha, privilegiam-se os locais mostrados nas visitas guiadas — Cidade Velha, Assomada, Tarrafal, e muitas vezes Espinho Branco, descritas através de narrativas próximas das dos guias locais, embora com muito menos referências ao tema da resistência. São ainda anunciadas outras localidades como São Domingos, Rui Vaz ou Praia de São Francisco mas a informação sobre a maioria destes locais é muito concisa, limitando-se a assinalar a sua existência nos mesmos termos em que os guias intérpretes o fazem quando, na estrada, passamos por uma destas localidades ou por um sinal de direcção com o seu nome. A Cidade Velha e o Tarrafal, ambos promovidos como lugares de excepcional valor histórico e paisagístico parecem constituir os únicos imperdíveis de Santiago. O guia Bradt considera mesmo a Cidade Velha “the most important historic site in the archipelago and of international significance”, descrevendo o seu pelourinho como “symbol of inhumanity — as long as it is there the memory will never slip away” (IRWIN E WILSON, 2009: 145, 164).

2.2. São Vicente

Começo por destacar as duas principais expressões do supracitado contraste entre Santiago e São Vicente. Em primeiro lugar, enquanto os capítulos sobre Santiago aconselhavam a privilegiar o seu *hinterland* verde e fértil e não a sua principal cidade, em São Vicente, revelada a sua paisagem “désespérément sec et aride” (REQUEDAZ E DELUCCHI, 2017: 326), recomenda-se o oposto: “Mindelo is the capital and life-blood of the island, the rest is actually not so important” (MARCO POLO, 2018: 77); “[Mindelo] It’s a fine city, full of life and a certain grace. In some ways it is one of the most pleasant cities in west Africa. Mindelo’s buzz contrasts with a dead hinterland” (IRWIN E WILSON, 2009: 233).

Em segundo lugar, enquanto a ilha de Santiago e a cidade da Praia são consideradas as mais africanas, São Vicente e Mindelo são por vezes descritas como as mais europeias, atribuindo-se aqui aos britânicos o espaço e a agência conferidos aos africanos escravizados nos textos sobre a história e a cultura de Santiago. Por outro lado, ao contrário das narrativas sobre Santiago, em que as características físicas e culturais da população são descritas como resultantes de um modelo de endogamia e fechamento em locais esconsos do interior de ilha, nas narrativas sobre São Vicente, estas são imputadas a um paradigma de máxima abertura associado à vida portuária que terá produzido o seu branqueamento físico e cultural. Para o guia Olizane: “S. Vicente reste l’une des plus «blanches» du Cap-Vert” (REQUEDAZ E DELUCCHI, 2017: 311). Segundo o guia Thomas Cook: “British, Portuguese and Brazilian influences give Mindelo, Cape Verde’s second largest city, a distinctly European air” (DOBSON, 2010, 53). O guia da Petit Futé afirma que:

“Les marins du monde entier passent, laissant souvent en cadeau une descendance dont la plupart ignorent l’existence. Cella crée une fantastique métissage de la population, que l’on peut encore observer aujourd’hui. (...) Les habitants sont d’un naturel ouvert et curieux. Ayant toujours été en contact avec les étrangers, ils ont l’expérience et l’habitude des cultures occidentales dont ils sont subis de fortes influences” (2017: 82, 84).

É, de resto, este princípio de abertura e branqueamento que suporta as operações de construção do Mindelo como “cidade mais cosmopolita de Cabo Verde” e sua “capital cultural”, permitindo desdobrar o contraste entre as duas ilhas em múltiplos sentidos e, por vezes, proclamar a sua suposta superioridade:

“O Mindelo tem um charme próprio, com um inconfundível toque colonial e a sua baía única, considerada uma das mais belas do mundo. Apesar de ser a segunda maior cidade de Cabo Verde, é relativamente pequena e muito menos confusa do que a Praia. Aqui sentimo-nos bem” (SARMENTO E RAMOS, 2016, 218).

“São Vicente fait rêver; son nom évoque le raffinement, les arts, la musique, les paillettes, la fête, toutes ces choses qui donnent des couleurs à la vie. Elle abrite le carnaval les plus fastueux, le festival de musique le plus dynamique, et même du théâtre. Elle contraste donc avec sa grande rivale, Santiago, plus industrielle, plus sérieuse, plus noire aussi.” (REQUEDAZ E DELUCCHI, 2017: 305).

A atribuição do título “capital cultural de Cabo Verde” ao Mindelo (SARMENTO E RAMOS, 2016, 210; REQUEDAZ E DELUCCHI, 2017: 313; DIRECTEL, 2015: 181; VALENTE E VALENTE, 2018: 15), também usada pelos guias locais, é respaldada pelos dois principais traços conferidos à psicologia étnica mindelense: a sua vocação artística e o seu carácter festivo. Os guias Olizane e Lua de Papel possuem mesmo como subtítulos dos capítulos dedicados a São Vicente: “L’île des arts” (2017: 305) e “Ilha da festa” (2016: 210). Apesar de amalgamados em várias secções, estes dois traços devem ser individualizados por promoverem diferentes componentes do que se considera ser a cultura sanvicentina.

A caracterização de São Vicente como “ilha das artes” suporta-se de alusões ao elevado número de músicos — destacando-se aqui os compositores e intérpretes de morna, em especial Cesária Évora —, mas também ao prestígio alcançado por profissionais das artes plásticas, literatura e teatro. Alguns guias indicam ainda que a cidade albergou o primeiro liceu do arquipélago em torno do qual gravitou a elite intelectual promotora da modernização do campo literário cabo-verdiano nas primeiras décadas do Estado Novo. Esta ideia de modernidade da cultura mindelense, presente em várias áreas do seu campo artístico, torna óbvio que os entendimentos e usos da cultura são distintos nas duas ilhas. Enquanto o discurso sobre Santiago remete para a cultura popular resultante da resistência de “tradições africanas” ao domínio colonial, os capítulos sobre São Vicente remetem para uma concepção próxima da cultura erudita protagonizada por uma elite com fortes ligações à Europa. Nos textos sobre o Mindelo, a palavra “colonial” chega a ser associada à ideia de elegância e charme, evocando, em especial, a arquitectura ou os hábitos deixados pelos ingleses. Veja-se, a este propósito, a primeira frase do primeiro capítulo do texto sobre o Mindelo publicado pela Belavista: “Mindelo, a capital cultural, combina modernidade com charme colonial” (VALENTE E VALENTE, 2018:15).

A designação de “ilha de festa” alicerça-se em alusões à apregoada boémia mindelense e ao Carnaval, erigidos como principais atracções da cidade. A animação nocturna em bares e cafés com música ao vivo é historicamente justificada pela importância do porto na formação da cidade, constituindo o berço da glorificada morabeza mindelense. Por seu turno, o Carnaval é caracterizado como a maior e mais exuberante festa do país. A sua descrição, em particular a relativa aos grupos de “mandingas” (foliões pintados de negro, vestidos com saias de sisal e ataviados com enfeites e adereços como lanças que remetem para o cliché de uma África selvagem e tribal), fornece-nos uma das poucas referências ao continente nos textos sobre a cidade, condensada na frase “o mandinga é a figura do espírito africano” (VALENTE E VALENTE, 2018: 49). Esta redução do suposto “espírito africano” da cidade a uma figura de carnaval e, como tal, de inversão, com vários ingredientes das *blackfaces*, resume o lugar atribuído a África nas narrativas sobre esta cidade. Assinale-se ainda que, enquanto o carácter artístico sanvicentino

remete para a modernidade, a sua componente festiva sugere liberdade. Em alguns casos, a ideia de liberdade é ainda reforçada por narrativas que apresentam a cidade como um produto do liberalismo e cujo nome celebra o desembarque do exército liberal em 1832 em Mindelo (Vila do Conde).

Os roteiros propostos para Mindelo são, no geral, coincidentes com os das visitas guiadas. Na maioria dos casos, seguem até a mesma ordem, sendo complementados com indicações de bares e, por vezes, com insólitas sugestões de visitas a *ateliers* de conhecidos artistas plásticos, transformando os seus espaços de trabalho em atracções turísticas. As descrições sobre os locais recomendados reforçam, de quando em quando, o contraste com Santiago. Veja-se, por exemplo, o guia Olizane, onde, a propósito da organização do Mercado Municipal do Mindelo, se escreve: “Quel contraste avec la pagaille du marché de Praia!” (REQUEDAZ E DELUCCHI, 2017: 313). Fora do Mindelo, a par de Monte Verde e Calhau mencionam-se as aldeias de São Pedro, Salamansa e Baía das Gatas e ainda algumas praias desertas de difícil acesso, embora as informações sobre estes locais se restrinjam, em grande parte, a um breve parágrafo.

NOTA FINAL E GUIA DE PESQUISA

Este exercício experimental e impressionista deve ser desdobrado em vários planos, desde logo, em termos diacrónicos, de modo a examinar a evolução dos roteiros e dos discursos dos guias locais, necessariamente afectados por alterações nos mercados emissores, mas também pelo crescimento do turismo de natureza e pela tendência, verificada nos últimos anos, para se valorizar mais a animação e a componente experiencial do que a informação histórica. No entanto, várias conclusões podem ser extraídas deste exercício. Como foi visto, o cotejo dos discursos dos guias locais e dos guias turísticos impressos revelam diferenças na forma de contrastar as duas ilhas. Nas visitas guiadas, a ilha de Santiago foi apresentada em conformidade com um modelo de tropicalidade resistente, sendo a sua história e cultura exibidas como um produto da resistência africana à opressão colonial europeia, sugerindo assim um processo de crioulização erigido sobre o conflito, a violência e o sofrimento. Por seu lado, São Vicente foi revelada, em concordância com o modelo lusotropicalista, como lugar de liberdade, prazer, cooperação ou fusão entre colonizador e colonizado. No que respeita ao contraste entre as duas ilhas detectado nos textos de guias impressos, saliento o facto de vários volumes declararem Santiago como ilha mais africana e São Vicente como mais europeia e de alguns afirmarem mesmo a superioridade desta última, o mesmo é dizer da sua alegada cultura europeia.

Convém ter em mente que estes textos não propõem nada de novo, limitando-se a reproduzir estereótipos que circulam em Cabo Verde sobre os habitantes destas ilhas, regra geral atrelados a narrativas bairristas (RAMOS, 2009) e racistas. Estes discursos constituem assim mediadores de representações dos locais e dos turistas (RONCAYOLO, 2011:5). No afã de construir alteridade interna para fins turísticos, acabam por reproduzir e amplificar a rivalidade entre as duas ilhas, dissecando a criouliidade e patenteando o contágio do “vírus da essência” referido Barthes a propósito do *Guide Bleu* (BARTHES, 1999 [1957]: 68). Note-se que no próprio *site* institucional lançado pelo Instituto de Turismo em Março de 2021 (www.visit-caboverde.com), pode ler-se sobre São Vicente, que “a sua capital” é considerada a mais “europeia do arquipélago” e que Santiago “é a mais africana das ilhas do arquipélago”.

Deve ainda ser referido que, apesar de os guias locais não terem, nas visitas guiadas que realizei, explicitado o contraste entre as duas ilhas, quase todos afirmaram em entrevista que por vezes o fazem, recorrendo a esta mesma ideia de Santiago como reduto de africanidade e de São Vicente como lugar de europeidade. Atente-se no testemunho de um guia mindelense:

“Em Santiago, a cultura é mais africana, de forma pura. Muitas pessoas lá sentem afinidade directa com África. (...) Enquanto eles [santiaguenses] são tetranetos de escravos, nós [mindelenses] não. Nós somos totalmente mestiços. Aqui já não houve escravatura, não temos aquela revolta de 400 anos de escravatura. (...) Nós nascemos por causa do porto com aquela mestiçagem toda. Portanto, não podemos ter rancor, nem africanidade pura. Nós temos, todos, um ascendente português ou inglês. (...) Eles só falam da escravatura. Eu acho que os turistas quando chegam a São Vicente [vindos de Santiago] respiram ar fresco. É uma libertação. Sentem-se asfixiados com a africanidade e a escravatura. Eles fazem o turista sentir-se culpado. Aqui não há cobranças. É bom falar de escravatura porque existiu e porque é uma realidade nossa, mas deve-se também falar da mestiçagem que é um tema mais alegre e interessante e que não faz o turista sentir-se culpado” (GUIA.MIN.M.14., Mindelo, 2012).

Este excerto, para além de declarar a ocultação da componente africana da “mestiçagem”, revela outros dois aspectos que devem ser realçados. Em primeiro lugar, uma leitura da história do país, marcada pela escravatura e pelo colonialismo, como um constrangimento que provoca sentimentos de culpa aos turistas. Decorrente desta leitura, São Vicente, construída como território livre de escravatura e de conflitos, é erigida como um paraíso para turistas europeus e lugar por excelência da “mestiçagem” e da mítica

morabeza, a cordialidade e hospitalidade cabo-verdiana, que Lima e Robalo consideram “uma estratégia de (des)afrikanização” (2019: 85).

A imagem das ilhas como lugar de fruição das delícias do paraíso perdido (MARTÍN DE LA ROSA, 2009; CARDONA, CRIADO E CANTALLOPS, 2015; HERNÁNDEZ, 2016) exaustivamente explorada pelo turismo, tem sido, como revelado por Daun e Lorena (2009), usada para promover Cabo Verde. “Descubra um paraíso aqui tão perto” é, de resto, a primeira frase da introdução ao guia analisado da Diretel, que indica ainda que o arquipélago se encontra situado na mesma latitude das Caraíbas e convida, de seguida, o leitor a “contagi[ar-se] pela morabeza” (DIRECTEL, 2015: 10, 11). Um dos caminhos a percorrer na investigação deste tema prende-se assim com a necessidade de apurar que predicados do mito das ilhas paradisíacas são mobilizados para promover diferentes ilhas ou grupos de ilhas e como estes são seleccionados em sintonia com a lógica colonial e racista que regulou a construção da cabo-verdianidade, pelo menos até à emergência da luta anti-colonial. A promoção de São Vicente como paraíso, esbarrando com a extrema aridez de sua paisagem, parece exigir o reforço de outros atributos, recorrendo-se a uma operação de contínua confrontação com Santiago que, por vezes, adquire contornos de ilha maldita (CARDONA, CRIADO E CANTALLOPS, 2015: 732). A título de exemplo, refiro o enaltecimento do clima mais ameno de São Vicente que invoca a ideia de uma “tropicalidade paradisíaca” formada por suaves brisas e que se opõe à concepção de “tropicalidade pestilenta” (ARNOLD, 2000; CAREY, 2011) remetida para Santiago. Esta oposição encontra-se patente no primeiro guia de Cabo Verde (RENDALL, 2004 [1851]) escrito em sintonia com as descrições oitocentistas do clima insalubre da Praia que levaria o governo da colónia a transferir-se para outras paragens na estação das chuvas. Um outro exemplo remete para a glorificação dos corpos e, sobretudo, das mentes dos sanvicentinos, vertida na sua tão propalada maior predisposição para as artes, replicando narrativas racistas, desde logo as que estiveram na base da própria proposta de povoamento desta ilha com brancos do reino (CORREIA E SILVA, 2005: 40 e 41).

BIBLIOGRAFIA CITADA

ARNOLD, D. (2000), “‘Illusory Riches’: Representations of the Tropical World, 1840–1950”, *Singapore Journal of Tropical Geography*, 21 (1): 6-18.

BARTHES, Roland (1999 [1957]), “La Guía Azul”, em *Mitologías*. Madrid, Siglo Veintiuno, 68-70.

BERTHONNET, Arnaud (2006), “Le tourisme en Algérie (de 1880 aux années 1940): une histoire à écrire”, *Revue Tourisme*, 15: 1-19.

- BHATTACHARYYA, Deborah (1997), “Mediating India: An analysis of a guidebook”, *Annals of Tourism Research*, 24 (2): 371-89.
- CARDONA, José R.; CRIADO, María & CANTALLOPS, Antoni (2015), “El mito del paraíso perdido en la definición del destino turístico”, *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 24: 715-735.
- CAREY, Mark (2011), “Inventing Caribbean Climates: How Science, Medicine, and Tourism Changed Tropical Weather from Deadly to Healthy”, *Osiris*, 26 (1): 129-141.
- CARREIRA, António (2000 [1972]), *Cabo Verde: Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*. Praia, IPC.
- CLAYTON, Daniel (2013), “Militant tropicality: war, revolution and the reconfiguration of ‘the tropics’ c.1940–c.1975”, *Transactions of the Institute of British Geographers*, 38 (1): 180-192.
- COHEN, Erik (1985), “The tourist guide: the origins, structure and dynamics of a role”, *Annals of Tourism Research*, 12 (1): 5-29.
- COHEN, Évelyne & TOULIER, Bernard (2011), “Les guides de tourisme, un patrimoine et un objet d’étude”, *In Situ. Revue des Patrimoines*, 15. <<https://journals.openedition.org/insitu/723>>.
- CORREIA E SILVA. A. (2005), *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*. Praia e Mindelo, CCP.
- DAHLES, Heidi (2002), “The politics of Tour Guiding: Image management in Indonesia”, *Annals of Tourism Research*, 29 (3): 783–800.
- DGT [s.d.], *Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Cabo Verde 2010-2013*. Praia, Ministério de Economia, Crescimento e Competitividade.
- DAUN E LORENA, Carmo (2009), *Turismo em Cabo Verde: um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural. Lisboa, ICS.
- DIRECTEL (2015), *Guia Turístico. Cabo Verde*. Praia, Directel.
- DOBSON, Sue (2010 [2008]), *Cape Verde*. Thomas Cook Publishing.
- FERNANDES, Ana; SANTOS, Diego & REJOWSKI, Miriam (2017), “Hospitalidade e a produção científica em língua inglesa sobre os guias de viagem”, *Revista Hospitalidade*, 14 (2): 1-21.
- FERNANDES, Gabriel (2002), *A Diluição da África: Uma Interpretação da Saga Identitária Cabo-Verdiana no Panorama Político (Pós)Colonial*. Florianópolis, UFSC.
- GONÇALVES, Maria (2009), *Os Rabelados de Santiago — Espinho Branco e Bacio: entre o ‘mito’ de folclorização e a (re)formulação identitária*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Praia, UniCV.
- HERNÁNDEZ, Ramón (2016), “Territorios imaginados, lugares deseados y turismo de masas”, *TEBETO, Anuario del Archivo Histórico Insular de Fuerteventura*, 21: 391-424.
- INE (2020), *Estatísticas do Turismo. 2019*. Praia, INE.

- INE (2011), *Estatísticas do Turismo. 2010*. Praia, INE.
- INE (2005), *Estatísticas do Turismo. 1999-2004*. Praia, INE.
- IRWIN, Aisling & WILSON, Colum (2009 [1998]), *Cape Verde Islands*. Bradt.
- INSIGHT GUIDES (2018), *Cape Verde Islands, Pocket Guide*. Insight Guides.
- KOSHAR, Rudy (1998), “‘What Ought to Be Seen’: Tourists’ Guidebooks and National Identities in Modern Germany and Europe”, *Journal of Contemporary History*, 33 (3): 323-340.
- LIMA, Redy W. & ROBALO, Alexssandro (2019), “Entre o mito da morabeza e a (negada) questão racial em Cabo Verde: um olhar contracolonial”, em OLIVA, A. R. et al. (org.), *Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal*. Belo Horizonte, Autêntica: 77-97.
- MANAI, Adel (2020), “North Africa in the Tourist Guidebooks of the 19th and Early 20th Centuries”, *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 11 (3): 63-70.
- <<https://www.richtmann.org/journal/index.php/mjss/article/view/11830>>.
- MARCO POLO (2018), *Cape Verde*. Marco Polo.
- MARQUES, Cláudio (2012), *Cicerone. Discurso Histórico como Recurso Turístico*. Tese de Doutoramento em Antropologia, ISCTE-IUL.
- MARTÍN DE ROSA, Beatriz (2009), *Turismo en Ecosistemas Insulares. Antropología en el Paraíso*. Tenerife, PASOS.
- MASSA, Françoise & MASSA, Jean-Michel (2004), “Prefácio” em John Rendall, 2004 [1851], *Guide des îles du Cap-Vert*, EDPAL-PCLL, 27-44.
- MBOG, Raoul & BERTRAND, Jordane (2019), *Cap-Vert. GEOGUIDE*. Paris, Gallimard.
- MICHELIN (2021), *Cap-Vert. Le Guide Vert*. Michelin.
- MILNE, Daniel (2013), “Discourses on Japan in Anglophone Tourist Guidebooks: Lonely Planet in the 1980s”, *Tourism Studies Review* 1 (1): 69-80.
- MORLIER, Hélène (2011), “Les Guides Joanne: invention d’une collection”, *In Situ. Revue des Patrimoines*, 15. <<http://journals.openedition.org/insitu/524>>.
- MTIE-DGT (2010), *Plano de Marketing para o Turismo de Cabo Verde. 2011-2013*. Direcção Geral do Turismo. IPDT.
- PALMOWSKI, Jan (2002), “Travels with Baedeker: The Guidebook and the Middle Classes in Victorian and Edwardian Britain”, em KOSHAR, Rudy (ed.), *Histories of Leisure*. Berg, 105-129.
- PETIT FUTÉ (2017), *Cap-Vert*. Paris, Petit Futé.
- RAMOS, António (2009), *Conflitos de Identidades em Cabo Verde: Análise dos casos de Santiago e São Vicente*. Tese de Mestrado em Estudos Africanos. Porto, Universidade do Porto.

- RENDALL, John (2004 [1851]), *Guide des iles du Cap-Vert*. EDPAL-PCLL.
- REQUEDAZ, Sabrina & DELUCCHI, Laurent (2017), *Cap-Vert*. Genève, Olizane / Découvert.
- RONCAYOLO, Marcel (2011), “Les guides comme corpus de la connaissance urbaine”, *In Situ. Revue des Patrimoines*, 15. <<https://journals.openedition.org/insitu/559>>.
- ROVISCO, Eduarda (2019), “O turismo em Cabo Verde no semanário *O Arquipélago* (1962-1974)”, *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 17 (3): 555-568.
- SANTOS, Flávia (2009), *A Construção Patrimonial no Contexto da Expansão Turística na Cidade Velha*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Praia, Uni-CV.
- SARMENTO, Tânia & RAMOS, Helena (2016 [2012]), *Cabo Verde*. Alfragide, Lua de Papel.
- TRAJANO, Wilson (2006), “Por uma etnografia da resistência: o caso das tabancas de Cabo Verde”, *Série Antropologia*, 408: 6-34.
- URRY, John & LARSEN, Jonas (2011), *The Tourist Gaze 3.0*. Londres, Sage.
- VALENTE, Anabela & VALENTE, Jorge (2018), *São Vicente. A ilha que vibra com a música e a cultura cabo-verdiana*. Mindelo, Belavista.
- VANGORP, Bouke (2012), “Guidebooks and the Representation of ‘Other’ Places”. KASIMOGLU, Murat (ed.), *Strategies for Tourism Industry- Micro and Macro Perspectives*, InTech.
- YOUNG, Tamara (2006), “Travelling Companions: The Role of Guidebooks as Mediators in Backpacker Travel”. BEETON, Sue; CROY, Glen & FROST, Warwick (eds), *International Tourism and Media Conference Proceedings*. Melbourne, Monash University, 196-206.